

PEDAGOGIA HOSPITALAR: UM NOVO LOCAL DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO

Marina Granzoto

Aluna do 9º período de pedagogia - Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste

Ana Maria Tavares Duarte

Professora Doutora do Curso de Pedagogia- Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste

RESUMO

O presente artigo se propõe a apresentar dados parciais de uma pesquisa que envolve a atuação profissional do pedagogo no espaço hospitalar. Os locais da pesquisa foram o NACC, o IMIP e o GAC, todos em Recife-PE. A escolha por Recife se deu em virtude de não existir, em Caruaru, nenhum hospital que possua um pedagogo em atuação. O estudo teve por objetivo geral analisar a inserção do pedagogo no âmbito hospitalar e como objetivos específicos: conhecer os ambientes de atuação do pedagogo no espaço hospitalar e analisar os saberes exigidos para a prática profissional no espaço hospitalar. Utilizamos a abordagem qualitativa para nortear a realização da pesquisa. Os instrumentos de coleta de dados foram a observação, a entrevista e o questionário; e como procedimento de análise, utilizamos a análise de conteúdo. Os resultados advindos dessa pesquisa nos levam a constatar que: é importante que se concretize parceria entre a Secretaria de Educação e a Secretaria de Saúde para garantir, de fato, a continuidade dos estudos das crianças hospitalizadas. Identificamos, também, a necessidade de ampliação dos ambientes de atuação do pedagogo para que não fique restrito ao espaço escolar. Por fim, é necessário que as universidades aumentem o leque de atuação dos pedagogos para além do espaço escolar, inserindo na matriz curricular a disciplina pedagogia hospitalar, bem como estágio curricular na área. Os pedagogos que atuam no ambiente hospitalar precisam receber uma formação específica, que inclua todos os saberes da educação e do ambiente hospitalar para que de exista a inclusão do pedagogo nesses espaços.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar; Formação Profissional; Espaços de Atuação.

Introdução

Nos dias atuais, as mudanças vêm ocorrendo com muita força a cada instante, tanto na sociedade, no governo, nas instituições e na forma de agir e pensar das pessoas; afetando também as famílias, a cultura e, principalmente, a nossa educação.

Diante dessas modificações, o ensino não é mais monopólio da sala de aula, nem do professor, dentro da escola, mas também deve estar fora dela, onde a educação/aprendizagem passou para além dos muros, da Instituição Formal de Ensino, para o alcance de todos e de maneiras diferenciadas. Nesse sentido, Brandão (1981) acrescenta que “não há uma forma única, nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece” (p.26).

Isto nos faz pensar nas diversas transformações que ocorreram na educação e na vida desse profissional, pois, foi a partir da década de 1990, que sua atuação, nos mais diferentes espaços, foi se ampliando, tomando força e, conseqüentemente, exigindo cada vez mais da formação. Sendo assim, esse trabalho trata da inserção do profissional pedagogo na área hospitalar, configurando-se como uma ação da pedagogia hospitalar.

A pedagogia hospitalar vem sendo discutida fortemente apenas nos últimos anos do século XX e início do século XXI, mas o seu reconhecimento no Brasil se deu a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente e também por meio da legislação como destaca o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995. Além disso, e talvez o fato mais decisivo por reconhecer a pedagogia hospitalar e a inserção do pedagogo no espaço não escolar, foi a elaboração de um documento que se compunha de estratégias e orientações para o atendimento nas classes hospitalares feito em 2002 pelo Ministério da Educação por via da secretaria de Educação Especial, o qual em sua introdução apresenta a importância e motivo pelo qual foi desenvolvido.

Diante disso, podemos destacar que, apesar de todos os obstáculos e lentidão por parte das Instituições de Ensino Superior (IES), a pedagogia hospitalar vem se expandindo em nosso país e isso tem demandado do profissional da área da educação, o pedagogo, uma qualificação que atenda a tal necessidade. Considerando que a criança é um cidadão e tem sempre o direito à educação, reforçamos a importância do atendimento educacional das crianças que estão impossibilitadas de frequentarem a escola por terem adoecido.

A escolha do tema em questão se deu pela escassa exploração do assunto em pesquisas e trabalhos acadêmicos, por este ser algo novo e desconhecido de muitos profissionais da educação e também pela ausência notória da disciplina em nossa matriz curricular escolar que

apresenta a pedagogia hospitalar, esse novo local de atuação do pedagogo. A escolha por Recife se deu em virtude de não existir, em Caruaru, nenhum hospital que possuía um pedagogo em atuação.

A pesquisa procurou responder o seguinte problema: Como ocorre à atuação profissional do pedagogo no espaço hospitalar? Sendo assim, o estudo teve por objetivo geral analisar a inserção do pedagogo no âmbito hospitalar e, para chegarmos a tal realização, estabelecemos como objetivos específicos: conhecer os ambientes de atuação do pedagogo no espaço hospitalar e analisar os saberes exigidos para a prática profissional no espaço hospitalar.

Metodologia:

O presente estudo faz parte do trabalho de conclusão de curso (TCC), considerando apenas uma parte do mesmo para esse artigo. Foi realizado a pesquisa no NACC (Núcleo de Apoio a Crianças com Câncer), IMIP (Instituto Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira) e no GAC (Grupo de Ajuda a Crianças Carente com Câncer) todos em Recife, com o objetivo de explorar o conhecimento referente à atuação profissional do pedagogo no ambiente hospitalar. Foram escolhidos esses hospitais, pois os mesmos dispõem a classe hospitalar e brinquedoteca. O NACC e o IMIP possuem classe hospitalar e o GAC possui três brinquedotecas. Os sujeitos da nossa pesquisa foram quatro pedagogos e uma brinquedista.

O procedimento metodológico utilizado para essa realização foi embasada numa pesquisa qualitativa que, de acordo com Minayo (2008), caracteriza-se por preocupar-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, mensurado. Então, a nossa pesquisa:

(...) trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que se faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (p.21)

Procurando conhecer, com a experiência, o aprendizado nos fatos e na prática, possibilitando a eficácia do acréscimo do conhecimento sobre as questões relevantes desta pesquisa e proporcionando uma relação interpessoal com o meio, para perceber os sentimentos que absorvem os sujeitos pesquisados.

O desenvolvimento da pesquisa se deu do tipo exploratória porque conforme Gil (2010. p. 27) “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver,

esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Contando também com o tipo explicativa, pois o seu objetivo é esclarece os fatores que ocorrem no campo pesquisado como nos diz Gil (2010),

(...) são aquelas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. (p. 28)

Como técnicas de coletas de dados a observação, conversas informais com os sujeitos, por meio das quais adquirimos maiores informações sobre o tema da pesquisa. Neste sentido, Lage (2005) afirma que a cada encontro é preciso “observar, além das falas e dos silêncios, os espaços, os atores, as atividades, a atmosfera do ambiente, os comportamentos e os sentimentos” (p. 198).

Utilizamos, também, como instrumento de investigação entrevista semi-estruturada, questionário e análise de documentos. Conforme Gil (2010): “a entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. (p. 109)

Nesta pesquisa, utilizamos, para analisar e sistematizar os dados, a metodologia da análise de conteúdos que nos permitiu fazer uma apreciação crítica e propositiva para nossa temática de investigação, fugindo do senso comum e nos possibilitou uma investigação satisfatória para responder nosso problema. Nessa direção Bardin (2004) organiza a análise documental em três pólos cronológicos como:

Pré-análise – “operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise”. (p.89)

A exploração do material – “após as operações da pré-análise convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas”. (p.95)

Tratamento dos resultados obtidos e interpretação – “os resultados em bruto são tratados de maneira a serem significativos e válidos. Operações estatísticas simples ou mais complexas permitam estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise”. (p.95)

Resultados da pesquisa

De acordo com o que foi explicitado na metodologia, segue o levantamento dos dados obtidos através dos questionários aplicados e da entrevista semi-estruturada. Para melhor compreensão, subdividimos em três blocos temáticos.

1. Entrada do pedagogo no hospital

De que forma foi realizado a sua inserção no ambiente hospitalar?				
Professor 1	Professor 2	Professor 3	Professor 4	Professor 5
Iniciativa da Coordenadora do Projeto de humanização no hospital que procurou a faculdade, pois desejava ocupar as crianças com atividades lúdicas	Através de ofício da Secretaria de Educação	Através de Ofício da Secretaria de Educação	Através de encaminhamento feito pela GRE	Contratada pela própria instituição

Como podemos analisar as respostas acima, a inserção do pedagogo no espaço hospitalar acontece de várias formas. No caso da professora 1, essa adentra ao hospital via faculdade, fazendo uma parceria entre as instituições. Nessa relação, percebemos que a Instituição de Ensino Superior tem acesso e autonomia para a execução do seu trabalho dentro do hospital; quando a secretaria de educação não aparece nenhuma expressão de sua presença, assim como sobre a escola de origem da criança hospitalizada.

Já as professoras 2,3 e 4 são cedidas pela Secretaria de Educação para atuarem no espaço hospitalar. E a professora 5 é contratada pela instituição, sem ter algum vínculo com a Secretaria de Educação, ou Universidade.

Diante desse quadro, podemos ver que duas das cinco instituição/hospital não contemplam as proposta do MEC sobre a formação da equipe em classe hospitalar. Isso se da pela ausência de políticas públicas que garantam a atuação dos pedagogos nos hospitais, onde os mesmo deveriam ser preparados para tal atuação.

E se faz indispensável uma parceria entre a secretaria de educação e saúde para garantir de fato a continuidade dos estudos das crianças hospitalizadas.

2. Ambientes de atuação

Em que espaço você excuta o seu trabalho?				
Professor 1	Professor 2	Professor 3	Professor 4	Professor 5
Na sala de aula do	Sala de aula e outros espaços,	Sala de aula, auditório, andar	Na sala de aula.	Na brinquedoteca

hospital	passeios extraclasse	G, passeios extraclases		
----------	-------------------------	----------------------------	--	--

Podemos notar, nas falas das professoras 2, 3, que a sua atuação vai além da sala de aula, transpassa para outros locais da instituição, atendendo assim um número maior de alunos/pacientes.

Já as professoras 1, 4 e 5 se limitam apenas em um local, dificultando o acesso ao aprendizado das demais crianças que não possam frequentar tais ambientes, deixando de cumprir a lei que determina que toda criança tem o direito a educação e ao lazer, entre outros.

Nessa direção (FONSECA 2008) ressalta que:

Crianças cujo período de hospitalização poder ser curto ou intermitente, não menos do que as crianças que estejam hospitalizadas por longo período, precisam manter o senso de continuidade de sua educação e de seus contatos com familiares, parentes, amigos e vizinhos. (p.19)

Então se faz necessário que haja uma ampliação para os demais ambientes, sejam eles, na enfermaria, nos leitos, nos ambulatórios, na classe hospitalar, na brinquedoteca, onde o pedagogo possa executar o seu trabalho e atender a todas as crianças hospitalizadas.

3. Saberes

3.1 Quais os saberes necessários para se trabalhar com as crianças no ambiente hospitalar?				
Professor 1	Professor 2	Professor 3	Professor 4	Professor 5
A cada dia descubro novos. Humildade para partilhar espaços, conviver com a dor e a morte; flexibilizar o planejamento; lidar com as muitas diferenças, etc.	Conhecimento sobre a doença e o tratamento	Qual medicação está sendo ministrada, reação dos pacientes quanto a medicação, etc.	Conhecimentos relacionados a doença e ao tratamento do câncer	Nenhum em específico

No que se refere aos saberes necessários para a atuação do pedagogo, obtivemos conceitos variados. A professora 1 podemos notar uma certa amplitude desses saberes, tanto do aspecto físico como do emocional.

Já as professoras 2, 3 e 4 dizem que são necessários somente os conhecimentos relacionados a doença e ao tratamento que são submetidas as crianças.

E a professora 5 nos revela que não são necessários nenhum conhecimento. O que nos chama a atenção pelo fato de seu trabalho ser meramente assistencialista, não se preocupando com o desenvolvimento do ensino-aprendizagem de cada criança.

Esses saberes se transformam em habilidades que devem ser colocadas em práticas. Como nos diz (MATOS E MUGGIATTI 2009) “O Educador deve estar de posse de habilidades que o faça capaz de refletir sobre suas ações pedagógicas, bem como de poder ainda oferecer uma atenção sustentada pelas necessidades e peculiaridades de cada criança e adolescente hospitalizado”. (p.116)

Contudo vimos que tais saberes têm que ir além do aspecto físico, alcançando também o intelectual e o emocional das crianças hospitalizadas.

3.2 Você fez algum curso preparatório ou capacitação para iniciar seu trabalho no hospital?				
Professor 1	Professor 2	Professor 3	Professor 4	Professor 5
Não!	Não!	Sim, no próprio ambiente	Não!	Não.

Ao perguntar as professoras a respeito de sua preparação para entrar no hospital, apenas uma respondeu que possuiu essa formação concedida pela própria instituição. As demais responderam que não passaram por nenhum curso ou capacitação.

O que nos chama a atenção é que, quando perguntamos a esses professores se obtiveram também alguma formação durante o período de graduação, os mesmo nos responderam que não, nem durante a formação inicial e nem depois de adentrar no hospital.

Portanto, precisamos com urgência de uma ampliação, por parte das Instituições de Ensino Superior, em suas grades curriculares que visem aumentar a atuação do pedagogo para além dos espaços escolares, inserindo em suas grandes disciplinas sobre a pedagogia hospitalar e estágio curricular nesta área.

Para que o trabalho do pedagogo no ambiente hospitalar não se torne um trabalho assistencialista e sim um trabalho onde o ensino e a aprendizagem se fazem presente, levando a criança ao seu desenvolvimento cognitivo, motor, emocional, social e de suas habilidades.

Considerações Finais

Conforme dados parciais dessa pesquisa, destacamos primeiramente a necessidade do vínculo e acompanhamento do hospital e da Secretaria de Educação, pois o que averiguamos foi que apenas uma instituição tem esse elo, as demais trabalham de forma individualizada, impossibilitando um trabalho em parceria com a escola de origem e o hospital, o qual é tão importante para o desenvolvimento e a continuidade da aprendizagem das crianças hospitalizadas, diminuindo assim a evasão escolar.

Nesse sentido, também destacamos os ambientes de atuação do pedagogo no hospital, notamos que esse trabalho só acontece apenas em um local, não contemplando todas as crianças internadas, além disso, o atendimento é feito de forma assistencialista, preocupado apenas em ocupar as crianças que ainda podem se locomover. Faltou um olhar para os demais que, com a saúde debilitada, não podem sair do seu leito, mas que merecem e necessitam de todo o acompanhamento pedagógico.

Diante de todas as mudanças que ocorreram e que estão ocorrendo na vida e na profissão docente, o professor tem que estar preparado para essa transformação. Contudo o preparo tem que vir a existir primeiramente por parte das Instituições de Ensino Superior, possibilitando ao formando uma capacitação que abrange conhecimentos necessários para a sua atuação dentro ou fora do espaço escolar. O que vemos hoje é a ausência dessa formação, e que não consta na matriz curricular disciplinas que tratem dessa especificidade na formação a respeito, da pedagogia hospitalar.

Para isso se faz necessário uma cobrança maior por parte dos profissionais que conhecem e atuam nessa área e também do Estado em fazer cumprir a legislação existente sobre o assunto.

Além dessa formação inicial, o que encontramos foi a não formação específica para a atuação do pedagogo no espaço hospital, pois consideramos necessária. É preciso ter conhecimento além do pedagógico, devemos tratar de um universo hospitalar, de habilidades e necessidades específicas de cada criança enferma, pois somente com esses conhecimentos conseguiremos atingir os objetivos proposto pelas leis que regimentam a pedagogia hospitalar que é o de proporcionar a criança hospitalizada o direito a educação. Vamos além em nossas proposições e destacamos a importância desse direito assegurado e atrelado a dimensão lúdica, possibilitando o aprendizado de forma prazerosa e não somente a prática de ocupar o tempo ocioso da criança hospitalizada.

Concluimos então esta parte da pesquisa, com a compreensão de que a atuação do pedagogo se faz necessária no ambiente hospitalar e na vida de cada criança, mas que precisamos lutar e ter a consciência que esse profissional precisa de um processo de formação que guarda determinadas especificidades e que o preparo para adentrar o universo hospitalar tem que considerar o direito de serem atendidas tanto no que se refere a saúde como a educação, um respeito a sua condição de ser humano.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed.: Edições 70; Lisboa, Portugal; 3ª edição: 2004

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliens, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. / Secretaria Especial. –Brasília: MEC; SEESP, 2002.

_____. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução nº. 41, 13 de outubro de 1995. **Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados**. Diário Oficial de Brasília, 17 Out. 1995. Seção1, pp.319-320.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org) & NETO, Otávio Cruz. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 27ª Edição, 2008.

Estatuto da Criança e do Adolescente - LEI N.º 8069 de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei8069_01.pdf. Acesso em 29/08/2011

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. 2. Ed. – São Paulo: Mamnon, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

LAGE, Allene Carvalho. **Lutas por Inclusão nas Margens do Atlântico: um estudo comparado entre as experiências do Movimento dos Sem Terra/Brasil e da Associação In Loco/Portugal**. Volume I – Dissertação de Doutorado. Orientador: Boaventura de Sousa Santos. Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Economia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. 2005. (p. 198)

MATOS, Elizete Lúcia Moreira e MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.